

Saúde dos povos indígenas
Reflexões sobre antropologia participativa

Esther Jean Langdon

Luiza Garnelo

Organizadoras

Contra Capa/Associação Brasileira de Antropologia 2004

Sumário

Apresentação

Antonio Carlos Lima da Souza 4

Pluralizando tradições etnográficas: sobre um certo mal-estar na antropologia

João Pacheco Oliveira Filho 6

Uma avaliação crítica da atenção diferenciada e a colaboração entre antropologia e profissionais de saúde.

Esther Jean Langdon 25

Cultura e saúde pública: reflexões sobre o Distrito Sanitário Especial Indígena do Rio Negro

Dominique Buchillet 42

A Intervenção como um processo em construção: notas para a redução do uso de bebidas alcoólicas e alcoolismo entre os Kaingang.

Marlene Oliveira 55

O “ fazer antropológico ” em ações voltadas para a redução do uso abusivo de bebidas alcoólicas entre os Mbyá Guarani, no Rio Grande do Sul

Luciane Ouriques Ferreira 70

O conceito de atenção diferenciada e sua aplicação entre os Yanomami

Nadia Heusi Silveira 88

| | |
|--|-----|
| Intermedialidade: a zona de contato criada por povos indígenas e profissionais de saúde. | |
| Mai-Lis Follér | 103 |
| Subsídios para uma assistência farmacêutica no contexto da atenção a saúde indígena: contribuições da antropologia | |
| Eliana Diehl e Norberto Rech | 117 |
| Medicina Tradicional Baniwa: | 136 |
| uma experiência de intervenção social em busca de uma teoria | |
| Luiza Garnelo, Sully Sampaio, Gary Linn e André Fernando Baniwa | |
| Políticas de saúde indígena e relações organizacionais de poder: reflexões a partir do caso do Alto-Xingu | |
| Marina Cardoso | 155 |
| Índios, antropólogos e gestores de saúde no âmbito dos Distritos Sanitários Indígenas | |
| Renato Athias | 171 |
| As equipes de saúde diante das comunidades indígenas: reflexões sobre o papel do antropólogo nos serviços de atenção à saúde indígena | |
| Marcos Pellegrini | 184 |

LUCIANE OURIQUES FERREIRA

O “fazer antropológico” em ações voltadas para a redução do uso abusivo de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani, no Rio Grande do Sul

O presente artigo tem como objetivo descrever o processo de desenvolvimento de uma série de ações voltadas para a redução do uso abusivo de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani², no Rio Grande do Sul, que vêm sendo realizadas desde o ano de 2000. A partir daí, então, propõe uma reflexão sobre as implicações relativas ao “fazer antropológico” em projetos implementados no campo da saúde indígena que articulam pesquisa e intervenção.

Tais ações foram realizadas conjuntamente pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), pela antropóloga associada ao Centro do Monitoramento de Pesquisa e Intervenção em Alcoolismo e Saúde Mental nas Populações Indígenas e pelas lideranças Mbyá-Guarani, e contou com o financiamento do Programa VIGI-SUS / FUNASA e o acompanhamento do Ministério Público Federal – Procuradoria da República.

O processo de desenvolvimento das atividades pode ser sistematizado em diferentes etapas: a) Diagnóstico Antropológico Participativo sobre o uso abusivo de bebidas alcoólicas e alcoolismo entre os povos indígenas no Rio Grande do Sul: subprojeto Mbyá-Guarani (2000-2001); b) reuniões gerais dos *Karai*, caciques e representantes Mbyá-Guarani sobre o uso abusivo de bebidas alcoólicas e alcoolismo no RS (três encontros realizados em 2000, 2001 e 2003); c) percurso terapêutico dos Xondaro Marãgatu, realizados, até o momento, em duas edições durante os anos de 2002 e 2003.

O Diagnóstico Antropológico Participativo sobre a Manifestação do Alcoolismo entre os Povos Indígenas: subprojeto Mbyá-Guarani foi realizado com a participação de lideranças Mbyá que tinham a função de representar seu grupo em face das instâncias governamentais e não-governamentais atuantes no campo indígenista. Os objetivos desta pesquisa eram: a) reconhecer se o uso de bebidas alcoólicas era considerado um problema pelas comunidades Mbyá-Guarani; b) em caso afirmativo, diagnosticar as dimensões sociocsmológicas do fenômeno do uso

² A sociedade Mbyá-Guarani pertence ao tronco lingüístico Tupi, família lingüística Tupi-Guarani, dialeto Mbyá. No RS, os Mbyá-Guarani vêm ocupando aproximadamente 21 áreas. Algumas são acampamentos temporários e outras, aldeias permanentes. Contam com uma população de aproximadamente mil indivíduos (FUNASA 2000), organizados em 183 famílias (Garlet e Assis 1998).

abusivo de álcool; c) identificar as medidas de auto-atenção utilizadas pelos Mbyá para o controle do consumo de álcool (Menéndez 2003), com o intuito de apontar os caminhos para a intervenção sobre essa problemática.

O caminho de intervenção adotado sobre o uso abusivo de bebidas alcoólicas buscou aproveitar as práticas tradicionais de auto-atenção à saúde e de organização política Mbyá-Guarani já existentes na comunidade com o objetivo de realizar um trabalho de cunho comunitário. Nesse sentido, as reuniões gerais dos *karai* e os encontros locais promovidos pelos Xondaro Marãgatu foram ações experimentais que emergiram da realização do Diagnóstico e que potencializaram uma das formas de auto-atenção de saúde existentes entre os Mbyá-Guarani: a instituição do aconselhamento por meio das “boas palavras”³⁶. Essas ações se constituíram em eventos discursivos, nos quais o processo de fala foi organizado com base no sistema de regras tradicionais de interação cerimonial do grupo indígena.

O desenvolvimento de tais ações se sustentou sobre o princípio de participação das lideranças indígenas na elaboração, organização e implantação de ações, que visaram à redução do consumo abusivo de álcool nas comunidades indígenas. Os *karai* e os Xondaro Marãgatu foram e são agentes de intervenção centrais nesse processo.

Os primeiros são apresentados pelos Mbyá como lideranças religiosas e especialistas tradicionais de cura que possuem contato direto com os deuses (*Ñanderu*)³⁷ e possuem o poder de receber as mensagens divinas; por isso, são os conhecedores das “boas palavras”. Há diferentes tipos de *karai*, mas aqui a posição dos *karai opyguá*, responsáveis pela liderança nos rituais realizados na casa de reza (*opy*), foi decisiva. Nem todas as comunidades, todavia, possuem esse tipo de *karai*³⁸, assim como nem todas possuem casa de reza, como veremos adiante. Já os Xondaro Marãgatu foram agentes de intervenção que emergiram durante o processo de desenvolvimento das ações aqui referidas. Eles são os “guardiões do espírito”, os “mensageiros dos *karai*” que têm como tarefa o aconselhamento às comunidades Mbyá para a redução do consumo de álcool, por intermédio das “boas palavras”³⁹.

Buscamos organizar este texto em três momentos: o primeiro apresenta o caráter processual da metodologia empregada para a realização do Diagnóstico Antropológico Participativo, delinea o problema do uso abusivo de álcool e apresenta a perspectiva cosmológica Mbyá-Guarani sobre o uso de bebidas alcoólicas; o segundo descreve as Reuniões Gerais dos *Karai* e os encontros promovidos pelos Xondaro Marãgatu, como desdobramentos do Diagnóstico, além de apresentar uma etnografia da “boa palavra” e também algumas avaliações do processo sugeridas pelos Mbyá; por fim, discorre sobre a intencionalidade antropológica existente na proposta de realização de um diagnóstico “participativo”, encerrando com uma reflexão sobre as implicações metodológicas do “fazer antropológico” em projetos de intervenção.

³⁶ As boas palavras são “as palavras sagradas e verdadeiras [...]; são a linguagem comum a homens e deuses; palavras que o profeta (*karai*) diz aos deuses ou, o que dá no mesmo, que os deuses dirigem a quem sabe ouvi-los” (Clastres 1978: 86-7).

³⁷ “El *ipaje* es un hombre religioso. (...) El *ipaje* dentro de la comunidad es como un catalizador de mediaciones espirituales en el campo de la salud, de la agricultura y del gobierno (...) Son hombres carismáticos, cuyo saber y capacidad non les viene por enseñanza ni aprendizaje, sino por inspiración, por naturaleza” (Melià, 1988:60).

³⁸ Quando dissemos *karai*, estaremos nos referindo aos *karai opyguá*. Os outros *karai* que porventura existem em uma comunidade são auxiliares subordinados aos *karai opyguá*.

³⁹ Por enquanto, esta definição é suficiente. No decorrer do texto, contextualizaremos o processo de emergência dos Xondaro Marãgatu.

O diagnóstico antropológico participativo

Processo metodológico

Em janeiro de 2000, o Ministério Público Federal – Procuradoria da República oficiou a FUNASA, recomendando-a a tomar providências para erradicar o alcoolismo das Áreas Indígenas do Rio Grande do Sul em um período de seis meses. Com isso, em janeiro de 2000, a FUNASA reuniu um grupo interinstitucional⁴⁰, para discutir esse problema de saúde que assola as comunidades indígenas do Estado e buscar alternativas para intervir sobre o mesmo. Em junho do mesmo ano, este grupo me convidou para desenvolver um Diagnóstico Antropológico sobre o uso abusivo de álcool que identificasse os fatores socioculturais que contribuíam na construção da especificidade deste fenômeno no universo indígena.

Devido à pesquisa antropológica que já vinha sendo realizada por mim desde 1996 sobre as concepções de saúde e doença Mbyá-Guarani (Ferreira 2001), assumi a responsabilidade de diagnosticar o contexto sociocultural do consumo de bebidas alcoólicas, as particularidades que o processo de alcoolização assumia entre os Mbyá e os possíveis caminhos, segundo a perspectiva indígena, de abordagem do problema.

Em razão da difícil natureza do tema que seria tratado junto às comunidades Mbyá, percebi que a viabilidade do Diagnóstico dependeria da participação indígena no projeto. Com isso, foi proposto a algumas lideranças Mbyá, que já faziam parte da rede social com a qual eu trabalhava, a formação de um grupo para a realização do Diagnóstico.

O processo de pesquisa foi constituído por meio de uma relação dialógica entre a pesquisadora e os Mbyá participantes do Diagnóstico, estabelecendo-se uma intensa negociação de significados e, conseqüentemente, dos caminhos a serem tomados durante o desenvolvimento da pesquisa. Foram eles que lexpuseram a importância de conversarmos com os *karái*, já que, por terem contato com os deuses, seriam eles que deveriam indicar o caminho para abordarmos a problemática relacionada ao consumo de álcool: o caminho das “boas palavras”.

Nas saídas de campo feitas durante o Diagnóstico, os Mbyá que acompanharam a antropóloga orientavam quanto à forma adequada de abordar as questões relativas ao consumo de álcool, atuando nas situações de pesquisa como mediadores do diálogo estabelecido entre a pesquisadora e as lideranças locais⁴¹. Nos encontros etnográficos com as lideranças das aldeias visitadas, a comunidade também era convidada a reunir-se conosco e a participar da conversa que acontecia, geralmente, em torno do fogo de chão. Tais conversas oscilavam entre as línguas portuguesa e guarani⁴².

⁴⁰ Entre as instituições que participavam desse grupo de estudo, estão o Ministério Público Federal – Procuradoria da República, o Ministério Público Estadual, o Conselho Estadual dos Povos Indígenas, a Cruz Vermelha, a Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, a Pastoral da Família, e a Pastoral da Criança.

⁴¹ As condições disponibilizadas pela FUNASA para a realização deste Diagnóstico foram diárias de campo e a disponibilidade de um carro oficial com motorista para o deslocamento da equipe de pesquisa até as aldeias.

⁴² Em algumas comunidades, a conversa transcorreu integralmente em guarani e eu saía dali sem entender o que havia sido dito. Nesse sentido, seria interessante refletir se os Mbyá é que acompanhavam a antropóloga a campo ou, ao contrário, se a antropóloga é que estaria acompanhando os Mbyá.

As técnicas de pesquisa utilizadas nesses momentos foram a observação participante, o diário de campo, a gravação das conversas e registros fotográficos. Posteriormente, reunia-me com meus acompanhantes Mbyá para traduzirmos os trechos das conversas ocorridas em guarani para o português⁴³.

Delineando o problema do uso abusivo de álcool entre os Mbyá-Guarani

O fenômeno do uso de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani situa-se no interior de uma cultura do contato (Cardoso de Oliveira 1976) produzida durante o processo histórico de contato interétnico. Ao consumo de álcool se agrega um conjunto de práticas e significados que articula as concepções e o estilo tradicional do grupo aos elementos da sociedade ocidental incorporados a esse universo (alimentos, músicas, bebidas alcoólicas etc.), formando uma “cultura do beber” específica.

Com a realização do Diagnóstico, percebemos que existe atualmente grande diversidade de situações relacionadas ao consumo de álcool entre os Mbyá-Guarani no Rio Grande do Sul. Essa diversidade é influenciada pelas condições particulares de vida de cada aldeia. De um lado, resulta do intenso processo histórico de contato interétnico que exerce uma influência direta sobre a organização sociocsmológica Mbyá-Guarani; de outro, diz respeito à forma como essas comunidades criaram estratégias e mecanismos de atualização da cultura diante da pressão exercida pelo contato.

Das 17 comunidades percorridas durante a realização do Diagnóstico, as lideranças Mbyá-Guarani reconhecem como lugares de uso abusivo de bebidas alcoólicas a Terra Indígena (TI) do Canta Galo, município de Viamão, os Acampamentos de Passo Grande e Passo da Estância, localizados na beira da BR-116, e as TIs de Coxilha da Cruz, município de Barra do Ribeiro, da Varzinha, município de Carará, de Inhacapedun, município de São Miguel das Missões, e de Salto Grande do Jacuí, Salto do Jacuí.

Do ponto de vista Mbyá, os fatores que contribuem para a formação do fenômeno do consumo abusivo de álcool nessas comunidades são: terra e ambiente natural insuficiente e/ou inadequado para a reprodução do modo de ser tradicional; proximidade dos grandes centros urbanos; acesso fácil às bebidas alcoólicas; inexistência da *opy* (casa de reza); inexistência do *karai* e da prática do conselho; não atualização dos rituais tradicionais; trabalho assalariado fora da aldeia; e conduta da liderança, ou seja, se faz uso de bebida alcoólica ou não.

As práticas recorrentes entre os Mbyá-Guarani associadas ao uso das bebidas alcoólicas são as festas chamadas “baile do branco” e os jogos de futebol. A cachaça (*caña*) é a bebida mais utilizada pelos Mbyá por ser compatível com o poder aquisitivo dos bebedores. O vinho e a cerveja são usados, porém com frequência menor.

A violência doméstica é um dos problemas mais sérios acarretados pelo uso abusivo de bebidas alcoólicas. O bebedor que não tem limites e tampouco controle para beber torna-se violento, afetando as pessoas mais próximas. Outro problema grave são os acidentes de trânsito, dos quais são vítimas os bebedores que moram ou frequentam os acampamentos nas beiras das estradas.

⁴³ Este também foi o procedimento de pesquisa empregado para registrar as reuniões dos *karai* e os encontros promovidos pelos Xondaro.

A pessoa que bebe não é considerada um “bebedor problema” só porque bebe, mas principalmente porque cria problemas para a sua família e para a comunidade. Em primeiro lugar, a pessoa não tem controle sobre o “beber”: bebe até acabar a bebida ou até desmaiar. Não tem, segundo os Mbyá, condições de cuidar e sustentar sua família, pois gasta a maior parte de seu dinheiro na compra das bebidas alcoólicas e não em alimentos, agravando a situação quando também envolve o cônjuge e filhos em situações de consumo abusivo de álcool. Além disso, essa pessoa pode se acidentar ou se tornar violenta com sua própria família ou com parentes que moram na comunidade, criando transtornos para todos⁴⁴.

A perspectiva cosmológica Mbyá sobre o uso de bebidas alcoólicas

Para os Mbyá, o uso de bebidas alcoólicas é considerado um problema, mas não, necessariamente, uma doença decorrente da dependência física e biológica do álcool. Este problema tem um impacto nocivo sobre a pessoa⁴⁵ que bebe e, principalmente, sobre a comunidade onde bebe, pois compromete as relações que a pessoa estabelece tanto com a sua família e seus parentes, quanto com seu próprio espírito (*ñe'ë*)⁴⁶ e os deuses.

Embora o uso de bebidas alcoólicas tenha sua origem no contato interétnico, como doença, o ato de beber articula e envolve diferentes dimensões da vida Mbyá. Nesse sentido, o fenômeno passa a ser interpretado com base em sua perspectiva cosmológica e encerra uma dimensão espiritual: a pessoa que bebe demais e perde o “sentido” ultrapassa limites e faz coisas que não deve. Assim, age contra o seu espírito divino, que, por não possuir alternativa, afasta-se dela, deixando-a sem proteção. Enquanto isso, o pensamento do “bebedor” torna-se “lavado” pelo álcool e vai perdendo seu “sentimento profundo”, aquele que o liga ao espírito.

Se o espírito divino se afasta da pessoa, os *mbogüa*⁴⁷ e os *añã*⁴⁸, ambos agentes patológicos, aproximam-se e passam a exercer influência nociva, podendo

⁴⁴ Para um maior aprofundamento das causas e conseqüências desencadeadas pelo consumo abusivo de álcool, ver Ferreira (2002).

⁴⁵ A noção de pessoa Mbyá-Guarani é uma categoria central para o entendimento do universo simbólico desse grupo étnico, pois articula e está articulada a uma série de relações cosmológicas e sociais. Os Mbyá-Guarani crêem que a pessoa é composta de duas almas: uma de natureza divina (*nhe'ë*), proveniente diretamente dos deuses cosmogônicos; outra, de natureza telúrica – princípio terrestre da pessoa adquirido no corpo, quando a alma de origem divina encarna na terra, desenvolvendo-se no decorrer da vida da pessoa. Sobre a concepção dualista da alma como “chave do sistema religioso” Guarani, ver Schaden (1962: 127-8), Nimuendajú (1987: 117), Clastres (1978) e Cadogan (1952), entre outros.

⁴⁶ “[...] Espécie de espírito protetor, incumbe a segurança do indivíduo, vigiando-o. [...] É parte integrante do seu eu. [...] A sede da alma – ou das almas, como veremos mais adiante – [...] é o corpo todo. Ademais as *ñe'ë* caracterizam-se por uma existência relativamente livre, isto é, existem independentemente do corpo, podendo deixá-lo, [...] e retirar-se para regiões longínquas” (Schaden 1962: 137-8).

⁴⁷ Ao morrer a pessoa libera o espírito divino que retorna ao Paraíso de onde veio e também a alma de origem telúrica que se torna um espírito do morto chamado *mbogüa*, que fica a vagar na terra em torno dos parentes vivos, causando doenças. O *mbogüa* é uma sombra, um fantasma, um espectro que se desenvolve no decorrer da vida da pessoa como resultado do seu modo imperfeito de viver.

⁴⁸ Tipo de demônio que leva a pessoa a agir contra o modo de ser prescrito culturalmente. Hélène Clastres assim os define: “Espíritos perversos que povoam a floresta, cuja única razão de existir é perseguir os índios e votar ao fracasso os seus empreendimentos. É a eles que se atribui a responsabilidade, tanto do resultado infeliz de uma expedição guerreira, ou da insuficiência de uma colheita, como ainda das desventuras individuais” (1978: 26).

levar o bebedor a brigar com seus parentes ou a ser vítima de diferentes tipos de acidentes, inclusive acidentes de trânsito. Além disso, a própria bebida alcoólica possui um espírito maléfico:

Porque como você tá bebendo, quando você toma, não está pensando lá em cima. Você ama, você gosta, você se apaixona por beber. Porque essa bebida alcoólica tem espírito! Por que a pessoa não quer parar? Essa bebida tem espírito, e esse espírito está casado com seu corpo. Esse é o princípio! Quando você se sente tonto por tomar bebida alcoólica, então sente livre, sente uma coisa de natureza (vontade de fazer sexo), sente muita coisa. Esse espírito quando casa com a pessoa, a pessoa não quer parar nem um dia, parece que não vai conseguir parar! (*Karai* Marcelina Timóteo durante encontro etnográfico do Diagnóstico).

Para os Mbyá, os lugares que não têm *opy* (casa de reza) nem *karai* estão sem proteção divina e a mercê de inúmeros perigos: doenças, mortes, brigas e outras calamidades. Isso porque a *opy* é o espaço sagrado onde são realizados os rituais religiosos que propiciam a ligação da pessoa com o espírito divino e com os deuses. Essa ligação é a fonte da boa saúde e protege a pessoa Mbyá desses perigos. Nesse sentido, a *opy* desempenha papel preventivo relacionado ao consumo de álcool, pois é ali que as crianças aprendem os cantos e as danças tradicionais, e escutam os conselhos do *karai* que as orientam a não fazer uso de bebidas alcoólicas.

Nas comunidades que não têm *opy* e *karai*, os “bailes de branco” animados por músicas sertanejas e os jogos de futebol se tornaram práticas correntes. Também é aqui que encontramos maior incidência de casos de violência doméstica desencadeados pelo consumo de álcool. Na perspectiva Mbyá, quando as pessoas bebem e dançam ao som da música sertaneja, o pensamento é direcionado para o sexo, e por isso causa briga entre os casais devido ao ciúme; com os cantos e a dança realizados na *opy*, o pensamento se mantém ligado aos deuses.

Ao passo que os rituais realizados na *opy* têm o poder de agregar a pessoa mantendo-a ligada ao seu espírito divino, o uso abusivo de bebidas alcoólicas afasta o espírito divino da pessoa. Enquanto no primeiro caso as pessoas estão sob a proteção da divindade, prevenindo-se dos perigos das doenças, no segundo, ultrapassam limites cosmológicos e ficam sem a proteção do espírito divino e dos deuses. Se canto e a dança realizados na *opy* ensinam o caminho pelo qual a pessoa deve se manter com saúde; as bebidas alcoólicas direcionam e abrem o caminho para os *mbogüa* e para os *aña* que causam doença e levam as pessoas à morte.

Desdobramentos do diagnóstico

a) As reuniões dos *karai* e os Xondaro Marãgatu

Durante o diagnóstico, os *karai* solicitaram a realização de uma reunião geral entre as lideranças espirituais e as demais lideranças indígenas, na qual eles próprios pudessem discutir sobre a atual situação do consumo de álcool. Segundo eles, essa orientação foi recebida diretamente dos deuses, assim como também seriam os deuses que mostrariam a forma certa de trabalhar com o problema das “alcoólicas”.

No fim de 2000, foi realizada então a Primeira Reunião Geral dos *Karai*, Caciques e Lideranças Mbyá-Guarani sobre o Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas e Alcoolismo, no Rio Grande do Sul RS, na Terra Indígena de Salto Grande do Jacuí,

em Salto do Jacuí. Nesse momento, as lideranças Mbyá delegaram a mim a tarefa de “colocar no papel” as suas conclusões com o intuito de elaborarem um documento que fosse entregue aos representantes das instituições governamentais e não governamentais responsáveis pela questão da saúde indígena. Desde então, a tarefa de anotar as deliberações finais dessas reuniões tem sido um dos papéis desempenhados por mim.

As recomendações que dali emergiram foram: (a) dar continuidade às reuniões em função da complexidade do problema; (b) a necessidade de todas as comunidades Mbyá do Rio Grande do Sul terem *opy* (casa de reza); (c^o) a única forma para abordar a questão do uso de bebidas alcoólicas com os “bebedores” seria por meio das “boas palavras”, sendo que o conselho e a reza também possuem o poder de curar aqueles que bebem.

Primeiro conversamos sobre a forma de diminuir o uso das bebidas alcoólicas e daqueles que bebem. Para diminuir existe solução! Guarani sabe que tem remédio, só que esse remédio não é só que se toma, também pode curar através de conselho e de reza. [...] É preciso dar continuidade a este trabalho. Precisamos que estas reuniões tenham continuação, uma reunião só não vai resolver. As outras reuniões devem ser em outras Aldeias Mbyá-Guarani, com o objetivo de organizar internamente as comunidades. A próxima Reunião deve ser na TI de Barra do Ouro, Aldeia Campo Molhado. A partir de agora, todas as comunidades devem ter Opy para que nossos *karaí* continuem. A Opy é muito importante! (Documento Final da I Reunião dos *Karaí*).

Como o Diagnóstico funcionou como etapa preparatória da Primeira Reunião dos *karaí*, pois mobilizou as lideranças para participarem nesta reunião, o mesmo procedimento – o de percorrermos as comunidades – foi adotado para a preparação das demais reuniões dos *karaí*. Ao mesmo tempo, convidávamos as lideranças para participarem na reunião e sondávamos sobre o impacto das ações desenvolvidas no cotidiano dessas comunidades.

As reuniões dos *karaí* foram realizadas em cinco dias, sendo divididas em duas etapas: na primeira, com duração de três dias, os Mbyá se reuniam entre eles para debater a situação alcoólica de suas comunidades, criar estratégias para controlar o problema e avaliar os resultados das ações em andamento; na segunda, com duração de dois dias, foram apresentados aos não índios os resultados das discussões realizadas nos dias anteriores.

Um ano após a Primeira Reunião, em novembro de 2001, realizou-se a Reunião Geral dos *Karaí*, na TI de Barra do Ouro, Maquiné. Nesse momento, os *karaí* ali presentes, por possuírem uma idade avançada e sendo difícil para eles se deslocarem para longas distâncias para visitar seus parentes, propuseram a criação de um grupo para levar suas palavras até as comunidades com recorrência de uso abusivo de bebidas alcoólicas.

Foram escolhidos seis Mbyá de diferentes comunidades, alguns deles caciques, para atuar nas localidades levando as mensagens dos *karaí* às comunidades com problemas com o consumo de álcool. Esse grupo foi chamado então de Xondaro Marãgatu, e também podem ser chamados de *joyvyrá*, aqueles que cuidam do *karaí* e que o seguram para que ele não caia quando está rezando na *opy*, enfrentando tudo por ele.

Então quando a gente fala de Xondaro é Xondaro Verdadeiro. Xondaro Mara'eý⁴⁹ nasceu desde que existe a terra, só que agora é que está se

⁴⁹ Aquele que “não tem mal”, os que “nunca morrem”.

revelando. Não podemos falar mal dos Xondaro Marãgatu, não podemos achar ruim os Xondaro Marãgatu, porque os Xondaro Marãgatu são verdadeiros. Então quem é que não vai acreditar nos Xondaro Marãgatu? Tem muito valor os Xondaro Marãgatu. Nós os *karai* respeitamos os Xondaro Marãgatu. Quem é que revelou os Xondaro Marãgatu? Quem é o primeiro homem que falou dos Xondaro Marãgatu? A gente não sabia que existia os Xondaro Marãgatu, mas hoje nós *karai* acreditamos que os Xondaro Marãgatu vêm dos deuses. Então Xondaro Marãgatu dá força pra nós, pra isso é Xondaro Marãgatu. Xondaro Marãgatu é muito grande. Desde que aconteceu a reunião dos *Karai* falamos do nome das crianças e isso não podemos perder. Então isso é bom pra nós, e vai ajudar a nossa vida. Vai resolver a vida de cada um (*Karai* Alex Benitez na III Reunião dos *Karai*).

A primeira etapa do Percurso Terapêutico dos Xondaro Marãgatu ocorreu entre os meses de outubro e dezembro de 2002, e contou com transporte e diárias viabilizadas pela FUNASA. Os Xondaro percorreram as comunidades de TI do Canta Galo, Viamão; TI de Inhacpetun, São Miguel das Missões; TI de Salto Grande do Jacuí, Salto do Jacuí, TI da Coxilha da Cruz, Barra do Ribeiro.

Nos encontros promovidos com a chegada dos Xondaro Marãgatu às comunidades, a organização das reuniões era combinada com o cacique de cada aldeia. No mesmo dia ou no seguinte, a liderança reunia seu povo para escutar os “mensageiros dos *karai*”. Em cada comunidade, tais reuniões tinham duração de um ou dois dias, dependendo da liderança e da comunidade local.

Em junho de 2003, foi realizada a III Reunião Geral dos *Karai*, na TI da Coxilha da Cruz, Barra do Ribeiro. Nessa oportunidade, os Mbyá avaliaram o desempenho e os resultados alcançados pela ação de aconselhamento desenvolvida pelos Xondaro Marãgatu. Solicitaram que tais ações tivessem continuidade e que os Xondaro Marãgatu, a partir dali, passassem a visitar todas as comunidades Mbyá do Estado, para prevenir o consumo de bebidas alcoólicas e fortalecer a ação dos *karai* locais.

No fim deste mesmo ano, entre outubro e dezembro, os Xondaro Marãgatu retornaram às comunidades anteriormente visitadas, visando a dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos até o momento.

b) O caminho das boas palavras

As reuniões gerais dos *karai* e os encontros dos Xondaro Marãgatu com as comunidades ocorreram integralmente nas aldeias indígenas⁵⁰. Isto possibilitou que tais eventos discursivos ocorressem de acordo com a oralidade tradicional Mbyá, permitindo que diferentes gêneros de fala fossem acessados e organizados segundo as regras tradicionais que regulam o uso da palavra entre os Mbyá-Guarani (Briggs 1986).

As lideranças Mbyá organizaram esses momentos baseando-se em seu sistema tradicional de interação cerimonial, sendo as "boas palavras" o gênero de fala

⁵⁰ Com exceção da I Reunião dos *Karai*, quando os três primeiros dias foram realizados na aldeia e os dois últimos, devido a questões administrativo-burocráticas colocadas pela FUNASA na época e a contragosto dos *karai* que coordenavam a reunião, no salão paroquial no centro de Salto do Jacuí. Ver Ferreira, 2001a.

predominante, em que esta assume uma forma específica de manifestação, enquanto os discursos se mostram impregnados de significações cosmológicas⁵¹.

A orientação dos *karai* desde a I Reunião dos Karai foi para que estes encontros acontecessem por meio das "boas palavras".

Agora nós vivemos assim. Não temos mais nossos Xondaro que acompanhavam a verdade no meio da *opy*. Não é como antepassado que tinha que ouvir a palavra dos velhinhos. Isso nós temos que fazer hoje, para que sempre tenhamos força. Quem dá força pra nós mais velhos é Nosso Deus, é espírito. Se não fosse espírito, nós não teríamos a vida. Vamos ouvir todo mundo e orar todo mundo junto pra bem do nosso corpo. O *karai* e a *cuña-karai*, de onde tem força? A força vem do espírito, da concentração que nós conseguimos dentro da *opy*. O *karai* quando entra na *opy* conta o corpo de cada um de nós pra Deus, pra que o espírito continue com o corpo para poder viver, meu filho, minha filha. A doença que nós pegamos não é de todo tipo. Tem vários tipos de doença. Pra trabalhar aquela doença que nós pegamos é na casa de reza. Nós temos que acreditar pra podermos nos curar e pra podermos cuidar da nossa vida. Aquela água (cachaça) é uso do branco, traz doença aquilo. A doença da cabeça faz esquecer do nosso espírito, parece que não temos mais espírito, não lembramos mais dos deuses. Se é casado, se o marido toma cachaça prejudica a saúde do bebê que tem na barriga (da mulher), aí fica doente também. Agora todo mundo fica com atenção, esse é o momento de receber a palavra boa. Algumas pessoas estão recebendo a palavra boa. Todo mundo tem que cuidar para não perder essa palavra. Para poder curar aquele que está bebendo, nós temos sempre que estar na *opy*. Porque o Nosso Deus, quando nos mandou nessa terra, entregou a palavra pra nós? Nosso Deus, Nossa Mãe Verdadeira, quando entregou a palavra pra mim, disse que, quando nós estamos na terra é pra voltarmos com o corpo e tudo. Esse nós temos que manter, assegurar. Esse pra mim que é dor no coração. [...] Agora eu sei que alguém vai receber uma palavra boa depois disso. Eu não sei quem é a pessoa. Aquela pessoa vai parecer louca, mas não é louco aquele que vai receber a mensagem. Agora o mundo mudou, agora eu tô falando isso porque tinha espaço para poder falar. Nós temos que pensar nosso futuro, pra ter todo mundo *opy*, pra poder fazer fogo e sentar junto, fazer roda, orientando as pessoas, a filha, o filho, pra que continuem dançando e cantando na *opy*. Nós não temos que olhar em baixo, nós temos que olhar em cima (*Karai* Perumi na I Reunião dos Karai).

Tanto nas reuniões dos *karai* quanto nos encontros promovidos pelos Xondaro Marãgatu, o emprego das "boas palavras", sempre acompanhadas pelo uso do cachimbo e do chimarrão, assume a forma de conselho e emerge como recurso terapêutico no tratamento dos bebedores. Isso porque essas palavras, inspiradas pelo espírito divino e pelos deuses, possuem o poder de emocionar as pessoas.

As "boas palavras" são reconhecidas não necessariamente pelo conteúdo do discurso daqueles que a empregam, mas sim pela entonação da voz da pessoa que está falando, ou seja, pela performance desempenhada por quem fala. Nos círculos de conversa, aquele que está com a palavra deve se dirigir para o centro da roda. Enquanto fala, caminha de um lado ao outro do círculo, no ritmo e na cadência da

⁵¹ Também esse foi o momento dos Mbyá ouvirem as palavras divinas chamadas *ayvu ñetiró* ou *ayvu rapitá*, definidas por eles como as "palavras escadas", porque elevam o pensamento das pessoas. Poucos são os que sabem falar *ayvu ñetiró* atualmente.

palavra proferida. Aqueles que escutam, mantêm a cabeça baixa em sinal de respeito para com quem está falando e pelo que está sendo dito.

A fala orientada pelas “boas palavras” sempre começa com uma saudação aos parentes, lembrando que o Sol (um dos deuses Mbyá: *Ñamandú*) os está acompanhando e protegendo em sua caminhada, iluminando as palavras para que a conversa seja satisfatória para todos. Ao mesmo tempo, solicitam aos demais deuses para que olhem por eles.

Saudações meus parentes. Porque o Sol está acompanhando sempre pra nos levantarmos, por isso nos levantamos bem de novo. O Sol ilumina pra gente caminhar e não podemos esquecer dele. Esse acordo que estamos chegando é porque os nossos deuses estão olhando. Como pra nós é difícil se encontrar assim, como hoje, todo mundo. Estamos felizes porque estamos juntos todo mundo, conseguimos espaço pra falar de nossa cultura. Por isso que nós estamos levantando, pra gente sorrir, ficar alegre. Então por isso que nós estamos aqui, porque nosso deus abriu esse espaço pra falarmos de nosso problema. [...] O Sol está nos iluminando para termos as palavras boas. Nós temos que ter união pra termos força, se a gente não tem união a gente não consegue resolver a nossa necessidade (*Karai* Alex Benitez, na III Reunião dos *Karai*).

As “boas palavras” empregadas durante o percurso dos Xondaro Marãgatu podem expressar de forma sistemática, como caso exemplar, o pensamento, as preocupações e as mensagens dos *karai* para seus parentes durante as Reuniões dos *Karai*. Mesmo porque outra das funções dos Xondaro é traduzir as palavras dos *karai* para uma linguagem mais comum, a fim de que todos as compreendam, principalmente os jovens e as crianças.

Para os Mbyá, as palavras dos Xondaro Marãgatu também vêm através dos deuses e do espírito. São palavras movidas pelo amor (*mborayvu*), por isso é que são “boas palavras” e fazem com que as comunidades acreditem e tenham esperança nesse trabalho. Os *karai* das comunidades visitadas reforçavam as palavras dos Xondaro também utilizando a “bela linguagem” inspirada pelos deuses.

Eu espero que vocês também consigam mais palavras pra passarem pra nós, não é você que têm essa palavra, você vai conseguir através de nosso Deus que vai dar uma palavra pra passar pra outra pessoa. Como hoje você está falando, não é você que está falando, o deus que está dando uma palavra pra você pra falar para todos. Vai continuar iluminando pra falar cada vez mais. [...] Então quem é que vai dar as palavras pra nós? É o Sol. Cada vez que estamos levantando o Sol nos acompanha pra falar, pra sorrir. Eu fiquei muito contente de estar com vocês, só por isso que estou falando um pouquinho. Não é porque estou sabendo falar, as palavras de vocês que me obrigam a falar, porque tem espaço pra falar. E daqui até a próxima (*Karai* Juanzita, encontro com os Xondaro Marãgatu).

Segundo os *karai*, atualmente são poucos os homens que empregam as “boas palavras” para aconselhar os seus parentes, sendo esta a causa de muitos dos problemas que hoje acontecem. Os *karai* acreditam que esses conselhos têm sua origem “no centro do Paraguai (*yvy mbyté*) e hoje tem poucos que ainda sabem esse sistema”.

O discurso dos Xondaro sempre iniciava buscando esclarecer as origens, o caráter e os objetivos desse trabalho. Segundo o Cacique Geral José Cirilo Morinico:

Os Xondaro foram escolhidos pra falarem pra todos, só por isso que nós juntamos todos, só por isso que nós juntamos os jovens, porque é importante ouvir. Então esse trabalho foi pensado não através de nós, mas através de nossos karaí. Foi a preocupação do karaí e da cuña-karaí com a canha. Nós levamos mensagem pra toda comunidade pra saberem e conhecerem mais sobre o que é bom e o que é ruim pra nós. O que traz problema é a canha.

Para abordar o tema dos problemas relacionados ao consumo abusivo de álcool, os Xondaro lembram do exemplo deixado pelos deuses para que os Mbyá tenham força e coragem e perguntam: “Como fazer para melhorarmos a nossa vida e termos felicidade?”. A partir de então, discorrem sobre:

[...] a importância da cultura, a importância das crianças, para o pai e a mãe pensar em ficar na aldeia, não ficar caminhando pra lá e pra cá. Isso é que Xondaro Marãgatu vai conversar com as famílias. Pra isso é Xondaro Marãgatu. Nós temos que procurar mostrar coisas boas pras crianças, coisa boa é plantação. O pai e a mãe têm que pensar como é que seu filho vai ter saúde. Essa mensagem que os Xondaro Marãgatu vão levar pras comunidades (Xondaro Marãgatu Agostinho Duarte).

Nesse sentido, os Xondaro levantam a reflexão sobre as mudanças que o consumo de álcool traz para a cultura. Consideram que a *canha* os enfraquece e se constitui-se em um caminho destrutivo para o futuro do grupo.

Além disso, buscam lembrar as comunidades do caminho deixado pelos deuses, principalmente a necessidade de todas as comunidades terem *opy* e plantação, mantendo-se ligadas aos deuses e aos espíritos divinos para terem saúde e felicidade.

A bebida alcoólica traz muita coisa. [...] Nosso Deus não nos mandou na terra pra bebermos, não disse para aprendermos a beber com outro povo. [...] Os que estão morando aqui, procurem não tomar mais bebida alcoólica! Tem muita coisa que acontece em todas as aldeias e aconteceu o que nunca se viu. Procurem diminuir a bebida alcoólica. Que falta pra criança? Que falta pra adulto? Que falta pra mãe, pro pai? Que falta aqui na terra? Pra mim é plantar milho pra que as crianças vejam e tenham saúde. Isso é que é importante, isso é que é futuro pra nós. Nós temos que pensar, plantar. Isso é bom pra espírito também. Depois disso tem *opy*. É através da *opy* que a criança vai ficar com saúde, é aí que o espírito vai chegar e vai ter força através da *opy*. Por que alguma vez as crianças levantam sem força? Ficam magrinhas, tristes, não querem brincar, porquê? Por falta da *opy*. As crianças queriam ouvir o som do violão. Eu não estou dizendo que vocês continuam mau, que vocês não sabem. Eu quero que vocês me desculpem. As crianças não podem estar sem nome, tem que ter batismo, ser batizada a criança, por isso é importante a *opy*. Quando recebe o nome, o espírito fica contente, ele tem força, por isso que tem nome, Kuaray, Karaí, Verá... [...] Nós temos que valorizar nossa aldeia, não pode acontecer baile dos brancos. E quando tem aldeia nós temos que ter *opy*, a dança tradicional pra aprender a nossa cultura, sistema e tradição. Nós queremos que todas as comunidades sejam assim. Nós temos que diminuir a bebida alcoólica. Isso que é importante pra nós. Só pra isso que eu tô falando agora (Xondaro Marãgatu Alexandre Duarte).

Uma das principais preocupações dos Xondaro relacionadas ao consumo de álcool é a situação das crianças que são filhas de pai e/ou mãe bebedores. Devido ao

consumo de bebidas alcoólicas, hoje em dia não se sabe mais por que os deuses mandaram as crianças. Com isso, os pais não sabem mais tratar as crianças e muitas vezes as maltratam fazendo com que o seu espírito se afaste e a criança “deixe seu corpo como terra” (*yvyramo*)⁵². Os pais não sabem mais aconselhar e nem educar os seus filhos. Diante disso, os Xondaro aconselham os pais de família a respeitar as crianças, pois foram os deuses que mandaram os seus espíritos para a terra.

Agora, é difícil pro pai e pra mãe falarem pra seus filhos, eles já não sabem mais como educá-los. Por que Nosso Pai, ele nos mandou aqui na terra? Quando Nosso Pai manda as crianças pra nós é pra que a mãe ou o pai tenham força (*mbaraeté*) e coragem (*pyaguaçu*). Hoje em dia a gente não sabe mais por que as crianças nasceram pra nós, a gente não sabe mais como tratar as crianças. Hoje em dia tem que respeitar os filhos, o marido, a esposa. O que é importante pras crianças? As crianças querem ver a plantação, algumas crianças querem ver a casa tradicional (*opy*). Então algumas crianças choram porque necessitam de alguma coisa, necessitam de *opy*, de plantação. Então o pai e a mãe não sabem porque eles estão chorando e aí batem em seus filhos. Hoje em dia é assim, o pai e a mãe batem no filho, na filha, sem saber por que ele está chorando. Então essa coisa é muita dor pros velhinhos e pras velhinhas. Isso não pode acontecer na frente deles. Eu sempre digo assim: nós temos que voltar um pouquinho a viver como nossos antepassados (Cacique Geral José Cirilo).

Ademais, os Xondaro lembram que quando existe um “bebedor” na família, os seus parentes sofrem e ficam doentes, com dor no coração.

Saudações meus parentes. Eu também não sei falar muita coisa. Eu também vou falar um pouco sobre a bebida alcoólica. Eu também era feio, bebedor. Nossos parentes estão diminuindo, já perdemos muito. Muitos dos nossos parentes já ficaram com o corpo como terra só por causa da bebida alcoólica. Eu conheço também porque eu era bebedor. Então por isso que é importante cada aldeia ter *opy*. Os mais velhos e mais velhas sofreram muito por causa disso, quando o filho ou a filha é bebedor. Então quando o filho ou a filha fala assim: quando estou bebendo o problema é meu, sou eu. Mas se ele morre, isso é mau pra todos, isso é dor. Quando o meu parente morre, vem o sofrimento pra todos. [...] Os karaí estão orientando pra não chegarmos no ponto de cairmos num buraco, ou seja, pra não chegarmos a morte. Então, por isso que os mais velhos se preocupam, por causa da morte (Xondaro Marãgatu Cezário Timóteo).

Para os Mbyá, “a bebida alcoólica não tem irmão, não tem pai, não tem mãe. A bebida alcoólica é sozinha!”. É por isso que ela traz sofrimento para todos os parentes.

Ainda em sua preocupação com a família, os Xondaro conversam sobre a separação entre os casais Mbyá, fenômeno cada vez mais recorrente e que tem no uso abusivo de bebidas alcoólicas uma das suas principais causas. A separação também causa doença: sofrimento e dor no coração. Para os karaí, isso acontece porque “hoje não há mais obediência a deus, as pessoas esqueceram de deus, não levantam mais

⁵² Os Xondaro Marãgatu raramente se referem diretamente à morte de um parente. Geralmente a palavra sagrada usada é *yvyramo*, cujo significado é: o parente “deixou o seu corpo como terra”.

com o Sol, agora levantam com o *aña*, já entregaram tudo para os espíritos dos mortos” (Homem *karai* em encontro com os Xondaro Marãgatu).

Uma das palavras dos Xondaro às comunidades é sobre a necessidade de valorizar e escutar os mais velhos, porque os jovens pouco estão seguindo seus conselhos, principalmente no que diz respeito ao uso de bebidas alcoólicas. Com isso nos encontros dos Xondaro as comunidades são aconselhadas a fortalecerem seus *karai*:

[...] hoje em dia, a maior parte das pessoas não sabe mais o que significa a manifestação dos deuses – a caminhada do Sol; a mão brilhante de Tupã (raio) –, não conhecem mais as palavras divinas. Os conhecedores destas palavras são os *karai* e estes são poucos, porque [...] os mais velhos e mais velhas não agüentaram a maldade que cada vez aumenta nesse mundo, na terra velha, por isso eles ‘viraram como terra’ e não alcançaram a terra sem mal (Cacique Geral José Cirilo).

Um dos resultados desses encontros foi a criação de espaços para que os *karai* aconselhassem seus parentes nas aldeias em que essas lideranças vêm perdendo prestígio e confiabilidade diante os jovens. O conselho dado aos bebedores foi para que eles rezassem e contassem para os *deuses* ou para o *karai* o seu problema, a sua dor, a sua doença. Diziam: “mostrem o corpo” para os *karai* para que eles “contem o corpo” do paciente para os deuses.

Nesse sentido, além de estimular as comunidades a refletir sobre o impacto do consumo abusivo de bebidas alcoólicas, sobre a pessoa e o modo de ser Mbyá-Guarani, e sobre a necessidade destas “acordarem” e se organizarem para enfrentar os problemas desencadeados por esse consumo, os encontros promovidos pelos Xondaro Marãgatu, assim como as próprias reuniões dos *karai*, foram momentos de atualização da linguagem sagrada, de valorização do modo de ser tradicional e de fortalecimento da *opy* e dos *karai* Mbyá-Guarani.

Alguns resultados desse processo

As Reuniões dos *Karai* e os encontros promovidos pelos Xondaro Marãgatu se constituíram em momentos de reafirmação psicossocial desse grupo étnico. Ao conversar sobre a situação de suas comunidades no que tange ao uso do álcool e buscar alternativas para esse problema a partir de seu próprio conhecimento, demonstrando o caráter dinâmico do sistema médico tradicional, os Mbyá atualizam, recriam e fortalecem sua tradição. Também, ao exercitar sua capacidade de criar soluções para os problemas que os afligem, reforçaram sua “auto-estima”.

Por terem sido realizados segundo a orientação cultural Mbyá, esses foram eventos discursivos de auto-atenção e demonstraram caráter profilático e terapêutico em relação ao uso de bebidas alcoólicas, já que as “boas palavras” têm o poder de emocionar e de estabelecer a ligação da pessoa com seu espírito divino.

Na III Reunião dos *Karai*, as lideranças Mbyá, entre outros assuntos e encaminhamentos, avaliaram o trabalho desenvolvido, apontando como resultados desses processos as próprias ações desenvolvidas até o momento, pois estas haviam sido propostas pelos *karai*: a formação do grupo dos *xondaro marãgatu*; a união das lideranças – *karai*, caciques e *xondaro* – e das comunidades Mbyá do Rio Grande do Sul para o enfrentamento da problemática do uso abusivo de bebidas alcoólicas; o resgate e fortalecimento da instituição do conselho por meio da “boa palavra”; e a

valorização dos *karaí*, das *opy* e da sabedoria Mbyá-Guarani. Também chegaram à conclusão de que houve significativa redução do consumo de álcool e dos danos causados pelo mesmo em algumas comunidades (Inhacapetun, Canta Galo, Salto do Jacuí). Para eles tais ações:

[...] abriram espaço pra nós discutirmos entre os guarani sobre a preocupação com o problema da bebida alcoólica. Hoje em dia por que acontece a morte? Por que as crianças morrem? Por que os velhinhos morrem? A gente não sabe mais! Agora começamos a lembrar e perguntar sobre a nossa vida. O que acontece hoje em dia? Por que as crianças morrem? Por que as crianças não têm nome? Por que os guarani não plantam mais? Apesar dos 500 anos, nunca mais nos sentamos com o *karaí*, nunca mais chegamos pra conversar com *karaí* pra saber o que acontece no mundo e não tínhamos forma de nos unir com *karaí* pra conversarmos sobre a vida. Mas hoje em dia, Deus abriu espaço. [...] Eu estou percebendo que nós não estamos mais ligados com a natureza por causa da bebida alcoólica. Por que a gente não recebe mais recado dos deuses? Por causa da bebida alcoólica. Por que não existe mais guarani vivendo aqui nessa terra na forma deixada por deus? Por causa da bebida alcoólica. Quais são os resultados deste trabalho que estamos vendo? Com esse trabalho já temos resultado. Eu estou vendo que algumas comunidades construíram *opy*. Nessa batalha nós estamos lutando contra a bebida alcoólica, contra a maldade que traz briga. Não estamos lutando contra as pessoas, contra os parentes. Estamos lutando contra o espírito da bebida alcoólica. É isso que nós estamos enfrentando. [...] Pela bebida alcoólica abriu espaço pra outra coisa também: a preocupação com os *karaí*. Hoje diminuí os *karaí*, porque a gente não valoriza mais os nossos *karaí* e *çuã-karaí*. Pra mim é muito grande, tem muito valor os pensamentos que eles trouxeram pra gente pensar. Eu tenho esperança que futuramente pelo menos metade das crianças vão aprender a dançar e cantar na *opy*. Porque se não tivesse esse trabalho, os guarani ficariam cada vez mais fraco, esquecendo da cultura. Aí vai terminando os guarani, vai terminando o sistema. Então minha avaliação é essa, nunca o branco tinha pensado em fazer esse trabalho, é a primeira vez que a gente conseguiu o que a gente sempre quis. A gente nunca contou pro branco, a gente nunca deu espaço pra discutirmos profundamente o nosso problema. Esse trabalho trouxe muitos frutos, porque estamos falando do enfraquecimento da nossa sabedoria, dos nossos *karaí*, das crianças que já não tem mais batismo. Agora a gente lembrou. Através desse trabalho lembramos e acordamos todos. Esse é o resultado. (...) Hoje nós avançamos muito no caminho para diminuir o consumo do álcool. Hoje, diminuíu o uso desse álcool, diminuíu as festas de branco em algumas comunidades e também alguns *cau* já pararam de tomar e outros que não pararam de tomar, mas já não batem mais em suas esposas e nem brigam mais com seus parentes (Cacique Geral José Cirilo).

Reflexões sobre a postura metodológica em projetos de intervenção

A proposta da realização de um diagnóstico participativo foi uma tentativa de construir uma nova relação com as lideranças Mbyá-Guarani, respeitando a sua organização sociopolítica e suas formas de fala. Em outras palavras, uma tentativa de permitir que estas pudessem se apropriar e participar ativamente tanto do processo de

pesquisa quanto da fase de planejamento das ações institucionais a serem desenvolvidas com o intuito de reduzir o consumo de bebidas alcoólicas. Nesse sentido, propomo-nos a criar um trabalho e refletir com lideranças indígenas sobre um fenômeno vigente em algumas comunidades Mbyá.

Além de buscar transcender o tipo de relação de poder e de dominação sustentada pela ideologia da tutela⁵³, vigente nos diferentes setores da sociedade nacional que atuam com a questão indígena, procuramos criar bases para a sustentabilidade e continuidade desse processo junto aos Mbyá-Guarani, à medida que os mesmos passassem a desenvolver ações de cunho comunitário para o controle do consumo abusivo de álcool. Isso não retira a responsabilidade da FUNASA diante da implementação desse projeto, mas a torna parceira das lideranças indígenas, cabendo a ela viabilizar, por meio de apoio logístico, as condições para que as ações de intervenção sejam levadas a cabo pelos próprios atores Mbyá⁵⁴.

A intenção da antropóloga durante o processo de implantação das Reuniões dos *Karai* e do Percorso Terapêutico dos Xondaro Marãgatu foi orientada pelos seguintes princípios: a) incentivar e reforçar a organização sociocultural tradicional Mbyá-Guarani, em que o *karai* e a *opy* são fundamentais na manutenção do seu modo de ser e de estar no mundo; b) reconhecer a autoridade Mbyá em responder segundo seus padrões tradicionais, contando com o apoio das instâncias governamentais responsáveis pela atenção diferenciada à saúde indígena; c) garantir que a forma de tal reunião fosse um evento discursivo que respeitasse a oralidade tradicional Mbyá-Guarani, com suas características cerimoniais próprias, no estilo das reuniões calcadas sobre as "boas palavras"; d) respeitar e valorizar o conhecimento médico tradicional Mbyá na manutenção da saúde desse grupo étnico; e e) reconhecer que qualquer iniciativa dos segmentos da sociedade nacional responsáveis pela saúde dos povos indígenas só pode vir a ter alguma resposta eficaz no "controle" e tratamento terapêutico do uso abusivo de bebidas alcoólicas e do alcoolismo, se levar em conta os conhecimentos tradicionais desses grupos e a dimensão que tal problema ganha em sua vida cotidiana.

Isso implica também compreender as interpretações simbólicas relacionadas ao fenômeno e capacitar os não-indígenas para o diálogo intercultural necessário às ações de prevenção e intervenção biomédicas que visam à melhoria da saúde Mbyá-Guarani.

A postura metodológica adotada foi intencionalmente orientada por esses pressupostos e, por isso, permitiu às lideranças Mbyá guiarem a antropóloga nos caminhos adequados, tanto para abordar a questão nas situações de pesquisa nas aldeias quanto para desenvolvermos ações de intervenção nos problemas relacionados ao consumo abusivo de bebidas alcoólicas.

⁵³ Relação de poder, dominação e sujeição instituída pelo regime tutelar (Souza Lima 1995) e que atualmente assume a forma de ideologia da tutela e gira em torno da idéia da "capacidade (ou incapacidade) relativa" do índio. Sobre o conceito de ideologia aqui adotado, ver Dumont (1993).

⁵⁴ Convém pontuarmos que esse projeto vem encontrando muitas dificuldades para ser efetivamente implantado pelo órgão governamental responsável pela atenção à saúde indígena. Isso se deve tanto à cultura institucional vigente nos setores governamentais e não governamentais, em que vigora a ideologia da tutela e prepondera acima dos interesses coletivos, a disputa por poder e por prestígio entre o pessoal que compõe o campo da saúde indígena, quanto ao desconhecimento e indiferença por parte dos técnicos e administradores institucionais em face das especificidades socioculturais dos grupos indígenas a serem beneficiados por ações de atenção diferenciada à saúde. Mas esse tema relativo ao percurso e aos percalços do projeto na relação com órgãos governamentais e não governamentais será desenvolvido em trabalhos posteriores.

A intervenção antropológica para a realização desse conjunto de ações se deu, no sentido de facilitar e garantir que as lideranças Mbyá organizassem tais eventos de acordo com seus princípios sociocosmológicos e criassem espaço para que os discursos fossem proferidos segundo o seu modo de ser, em respeito à forma tradicional de manifestação da oralidade Mbyá-Guarani. Nesse sentido, pretendemos enfrentar o uso abusivo de álcool com as estratégias sustentadas na própria tradição.

Diante do processo aqui descrito, podemos vislumbrar a existência de dois níveis metodológicos distintos: a) o “fazer antropológico” em projetos de intervenção, em que a situação etnográfica é intencionalmente construída pelo antropólogo em busca do estabelecimento de um espaço e de um momento propício para que os atores indígenas intervenham sobre a problemática do uso abusivo de álcool. Nesse caso, as técnicas de pesquisa antropológicas utilizadas em todos os momentos do processo foram a observação participante, o diálogo, a gravação das conversas para posterior tradução, o registro visual dos encontros etnográficos e o uso do diário de campo; e b) a metodologia utilizada pelos próprios atores indígenas para intervir sobre esse problema, metodologia esta constitutiva do próprio objeto da pesquisa antropológica aqui realizada, a saber, o uso das “boas palavras”.

O papel desempenhado pelo antropólogo também possui caráter político que o situa entre o universo Mbyá-Guarani e os órgãos governamentais responsáveis pela atenção à saúde indígena. O antropólogo é um dos sujeitos que compõem esse complexo contexto: ao mesmo tempo em que sua atuação deve ser considerada um elemento a ser observado, também é determinante para a constituição desse mesmo contexto.

Em “pesquisas participativas” com grupos indígenas, o antropólogo não tem como fugir do papel de mediador e/ou tradutor entre universos de significados culturais distintos: de um lado, deve dialogar com os grupos indígenas, procurando compreender o seu ponto de vista, ao mesmo tempo em que lhes oferece elementos que contribuam para sua compreensão da cultura burocrático-administrativa dos setores governamentais e não governamentais que atuam na questão indígena, instrumentalizando-os, portanto, para sua luta em defesa de seus direitos; do outro, deve atuar junto das instâncias governamentais e buscar contribuir para a construção de espaços que considerem as especificidades socioculturais e lingüísticas dos grupos indígenas, isto é, propiciar a participação efetiva dos mesmos desde o planejamento até o processo de implantação de ações voltadas para suas demandas por uma atenção diferenciada à saúde.

Outra de suas atribuições é a assessoria aos técnicos e profissionais de saúde que trabalham com os grupos indígenas, visando a facilitar o diálogo a ser estabelecido entre atores de diferentes procedências culturais, aprofundar a compreensão desses profissionais sobre as especificidades do sistema de saúde indígena e ressaltar a importância do próprio “fazer antropológico” nesse campo de atuação. Com isso, o antropólogo busca demonstrar que, para que o sistema indígena de auto-atenção à saúde, social e culturalmente determinado, constitua-se como uma possibilidade eficaz na redução do consumo de álcool, as instituições governamentais devem reconhecer a legitimidade do saber indígena, respeitar e promover ações de articulação entre os sistemas médicos indígenas e o sistema oficial de saúde, e fazer valer o direito garantido legalmente a esses grupos de receber uma atenção diferenciada à sua saúde.

Para tanto, faz-se necessário que as formas de abordagem do problema do uso abusivo de bebidas alcoólicas sejam buscadas nas próprias comunidades indígenas, em consideração às especificidades culturais que tal fenômeno adquire nesse

universo. As instituições governamentais devem construir estratégias com os grupos indígenas para que o trabalho tenha sustentabilidade ao longo do tempo e alcance os objetivos fixados tanto pela população indígena quanto pelos setores públicos. Nesse sentido, o conhecimento tradicional e as práticas de auto-atenção devem ser considerados fundamentais para a elaboração de planos de ação e programas eficazes que visem à redução do uso abusivo de álcool.

Somente os grupos indígenas podem apontar o caminho para a construção de projetos que ofereçam respostas efetivas para as comunidades e considerem os resultados almejados pelos mesmos. No caso aqui apresentado, os Mbyá apontaram a direção, ao mesmo tempo em que participaram, apropriando-se do projeto como autores e não apenas como participantes de mais uma intervenção imposta pelos setores governamentais e não governamentais da sociedade nacional.

Referências bibliográficas

BRIGGS, Charles

(1986) *Learning how to ask: a sociolinguistic appraisal of the role of the interview in social science research*. New York, Cambridge University Press,

CADOGAN, León

(1952) “El concepto Guaraní de ‘Alma’; su interpretación semántica”, *Folia Linguistica Americana*, n. 1, vol. I, Ed. Keiron.

(1950) “La encarnación e la concepción: la muerte y la resurrección en la poesía sagrada 'esotérica' de los Jeguaká-va Tenondé Porã-güé (Mbyá-Guarani) del Guairá, Paraguay”, *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, n. s., vol. IV.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto

(1976) *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira,

CLASTRES, Hélène

(1978) *A terra sem mal*. São Paulo: Brasiliense..

DOCUMENTO FINAL

(2000) "I Reunião Geral dos Karáí, Caciques e Lideranças Mbyá-Guarani sobre o Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas e Alcoolismo – RS".

DUMONT, Louis

(1993) *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco,

FERREIRA, Luciane O.

(2001) “*Mba’e Achy*: a concepção cosmológica da doença entre os Mbyá-Guarani num contexto de relações interétnicas”. Dissertação de Mestrado, POA, PPGAS/UFRGS.

(2001a) "Relatório Etnográfico: I Reunião Geral dos Karáí, caciques e representantes Mbyá-Guarani sobre o uso abusivo de bebidas alcólicas e alcoolismo – RS. FUNASA, Projeto VIGI-SUS"..

(2002) "Relatório Final: Diagnóstico Participativo Antropológico sobre a manifestação do alcoolismo entre os povos indígenas no RS: subprojeto Mbyá-Guarani. FUNASA, Projeto VIGI-SUS"

GARLET, Ivory; ASSIS, Valéria S. de

(1998) *Diagnóstico da População Mbyá-Guarani no Sul do Brasil*. São Leopoldo: COMIN.

LANGDON, Esther Jean Matheson

(1999) "O que beber, como beber, e quando beber: o contexto sociocultural no alcoolismo entre as populações", *Saúde, saberes e ética: três conferências sobre antropologia da saúde*. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, PPGAS-UFSC.

MELIÀ, Bartomeu

(1988) "*Los Guarani-Chiriguano: Ñande Rekó, nuestro modo de ser*". La Paz: Cipa.

MENÉNDEZ, Eduardo

(1990) *Morir de alcohol: saber y hegemonia médica*. México: Alianza Editorial Mexicana.

(2003) "Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas", *Ciência e Saúde Coletiva*. vol. 8(1).

NIMUENDAJÚ, Curt

(1987) *As lendas de criação e destruição do mundo: como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec-Edusp,

SCHADEN, Egon

(1962) *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de

(1995) *Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade de formação do Estado Brasileiro*. Petrópolis: Vozes.

VIETTA, Katya

(1992) "Mbyá: Guarani de verdade". Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: UFRGS.